

ARQUEOLOGIA

QUESTIONADA EXISTÊNCIA DE MURALHA

Professor da UFPE diz que o Recife nunca teve fortificação de pedra. Para ele, o que foi achado em escavações é um muro de contenção do rio

O arquiteto José Luiz Mota Menezes, professor do mestrado e do doutorado em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), está questionando a existência de uma muralha de pedra com a função de proteger o Recife contra o ataque de inimigos no século 17. Partes da fortificação estariam sendo encontradas em escavações arqueológicas no Bairro do Recife. O professor afirma que a cidade era fortificada sim, mas o sistema de defesa do antigo povoado era feito por cercas de madeira.

Segundo o professor, foram construídas duas cercas de madeira (paliçadas) no Recife, no século 17. "Em termos de sistema fortificado, a paliçada era uma das maneiras mais simples de defesa de uma praça. O obstáculo era feito com paus fincados na vertical diretamente na terra ou em alguma base de alvenaria, dependendo do solo", explica José Luiz Menezes.

Uma primeira paliçada, luso-brasileira, envolvendo a povoação, já existia em 1630 quando os holandeses chegaram a Pernambuco. Provavelmente foi erguida por Matias de Albuquerque, de acordo com o arquiteto. Após a chegada dos flamengos, foi feita a segunda paliçada, com a ampliação da região já sitiada.

Para aumentar a área do povoado e fazer a nova cerca, os holandeses construíram um muro no nível do chão, que poderia ter duas utilidades – proteção das casas contra o rio ou suporte para as madeiras da paliçada. "A proximidade do rio e dos mangues condicionaram a construção desse alicerce", declara José Luiz, referência em evolução urbana no Recife.

PROJETO – Na avaliação do professor, é esse muro de contenção do rio, provavelmente, o que está sendo encontrado nas escavações no Bairro do Recife. Os achados estão localizados nos seguintes prédios da Rua do Bom Jesus: Sinagoga Kahal Zur Israel, Restaurante Donatário e casa de número 125, que abrigará a Galeria Ranulpho. José Luiz informa que no lado leste, voltado para o mar, também não havia muralha de pedra. "Tinha o cais de pedra e a cerca de madeira."

A construção da paliçada holandesa começou em 1638 e foi concluída no dia 21 de dezembro de 1653. "A estacada de madeira custou 1.200 florins e o serviço foi executado por René de Monchy, como consta no livro *Tempo dos Flamengos* do professor José Antônio Gonsalves de Mello", diz. "Na publicação, o historiador José Antônio não faz referência a muralha envolvendo o povoado, mas em cerca e estacada."

Sabendo que a cerca de madeira não teria uma vida longa (as paliçadas eram construções ligeiras, fáceis de fazer e de serem derrubadas), o governador do Brasil holandês, Maurício de Nassau, sugeriu a construção de uma muralha. "Essa muralha, possivelmente de pedra, nunca foi executada por ser de muito custo e, talvez, já desnecessária." O governo de Nassau teve oito anos de duração, de 1637 a 1645. A dominação flamenga em Pernambuco se estendeu por 24 anos, de 1630 a 1654.

José Luiz acrescenta que a largura do muro encontrado no Bairro do Recife, 80 centímetros, não permite identificá-lo como a muralha que Nassau quis construir. "Os tratados de fortificação do período jamais indicariam tal largura de base para uma cortina que deveria ter pelo menos quatro metros de altura", destaca o arquiteto. Os judeus aproveitaram o muro como alicerce das suas casas.

ESTAMPAS – A primeira paliçada, luso-brasileira, aparece em duas estampas que mostram o Recife de 1630/1631. Um dos desenhos é do gravador holandês Claes Janszoon Visscher (Piscator), feito a partir do esboço de uma vista panorâmica e de outra topográfica do povoado, com representações do ataque dos flamengos a Olinda e da chegada ao Recife. "Piscator recriou uma possível realidade a partir daquele esboço, mas a cerca de madeira que protegia o povoado não poderia ser alvo de invenção", destaca.

A segunda estampa é a *T' Recife de Pernambuco*, de autor ignorado e sem data conhecida, que ilustra a *História da Companhia das Índias Ocidentais*, de Johann de Laet. O livro foi impresso no ano de 1644. Nessa estampa, além da paliçada de madeira, aparece uma das portas do Recife fortificado, a Porta do Mar, com seu trapiche. José Luiz afirma que a estampa *T' Recife de Pernambuco* é de grande precisão e mostra todos os detalhes do sistema montado para defesa da povoação.

▶ INTERPRETANDO DOCUMENTOS DO PASSADO

▶ A construção em pedra

Com base em pesquisas do historiador José Antônio Gonsalves de Mello, o arquiteto José Luiz Mota Menezes afirma que não houve uma muralha de pedra no Recife, no século 17. Segundo ele, apenas os baluartes que faziam a defesa da Porta da Terra, também chamada de Arco do Bom Jesus, eram de pedra (cor marrom). O arquiteto fez a reconstituição do arco, em desenho, com a proporção das medidas reais correspondentes



▶ A construção em madeira

A gravura 'T' Recife de Pernambuco, realizada a partir de um desenho do antigo povoado, mostra o Recife de 1630/31 cercado por uma paliçada de madeira (cor amarela). No lado oeste, os holandeses teriam construído um muro de contenção do rio, que poderia servir de suporte para a cerca. Provavelmente, é esse muro que está

sendo encontrado nas casas da Rua do Bom Jesus, segundo José Luiz. Também aparece na gravura uma das portas da cidade, a Porta do Mar ou Waterpoort Sem autor identificado e sem data conhecida, a estampa ilustra o livro *História da Companhia das Índias Ocidentais*, de Johann de Laet, impresso em 1644.

Sistemas de defesa feitos com madeira tinham três portas

Os sistemas de defesa da povoação do Recife feitos com cercas de madeira tinham três portas. A primeira ficava na parte da terra (Landpoort ou Arco do Bom Jesus), a segunda era junto ao trapiche e depois na entrada da ponte (Pontpoort ou Arcos da Conceição e de Santo Antônio) e a terceira encontrava-se no lado do mar, no cais de atracação das embarcações (Waterpoort).

José Luiz Mota Menezes, arquiteto e professor da UFPE, informa que a Porta da Terra ficava na atual Rua do Bom Jesus, a antiga Rua dos Judeus, e era defendida por dois baluartes. "Visto na pintura atribuída a Frans Post (artista holandês da corte de Nassau), eles foram executados – talvez em terra e depois em pedra – e chegaram ao século 19", afirma. Um pequeno trecho de um dos baluartes foi encontrado nas escavações que ocorrem no Recife Antigo.

De acordo com o arquiteto, os baluartes já foram chamados de Fortim do Bom Jesus. "Mapas conhecidos e precisos mostram os baluartes ladeando a Porta da Terra, que era desenhada em arco de meio-ponto, segundo normas estabelecidas nos tratados de fortificação, inclusive com seu frontão triangular arrematando a parte superior", declara o professor.

José Luiz Menezes informa que, provavelmente, havia construções no lado de dentro da porta e que elas podem ter servido de bases para a edificação da capela do Senhor Bom Jesus das Portas. A capela foi erguida na segunda metade do século 17, no período luso-brasileiro após a expulsão dos holandeses, sobre o arco que serviu de porta da cidade.

O Arco do Bom Jesus foi demolido em 1850, por determinação do Governo, para permitir a unificação da área 'fora de portas' com o povo sitiado, e devido à construção do Arsenal da Marinha. A porta, que dava saída para Olinda, pelo istmo, foi reconstituída pelo arquiteto José Luiz Menezes, em desenho e em escala.

O arquiteto ressalta que a escavação arqueológica que está sendo realizada no Bairro do Recife é uma grande contribuição para a história. Segundo ele, o trabalho comprova mapas e outros documentos já produzidos sobre a cidade por historiadores como José Higinio Duarte Pereira, Francisco Augusto Pereira da Costa, Mário Mello, José Antônio Gonsalves de Mello e Vanildo Bezerra Cavalcanti, pelo geógrafo José de Castro, pelo engenheiro Joaquim Cárdozo e pela Prefeitura do Recife, que elaborou o Atlas Histórico e Cartográfico do Recife, em 1988, organizado por José Luiz Menezes.

Para arqueólogo, achado é inquestionável

O coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e responsável pelas escavações no Bairro do Recife, Marcos Albuquerque, afirma que a muralha de pedra é inquestionável. Desde maio, a equipe do laboratório faz o acompanhamento arqueológico do projeto de embutimento da fiação elétrica e dos cabos de fibra ótica do Recife Antigo.

"Nós sabemos, pela cartografia, que deve ter existido uma cerca de madeira no Recife. É possível que tenha havido uma paliçada complementando a muralha ou se sobrepondo a ela, em alguns trechos", declara o arqueólogo. "Até o momento, o que encontramos de forma concreta é uma muralha de pedra com um baluarte definido. Achamos trechos tanto do lado oeste (voltado para o rio) quanto do lado leste (voltado para o mar)", completa.

Marcos Albuquerque informa que os achados arqueológicos coin-



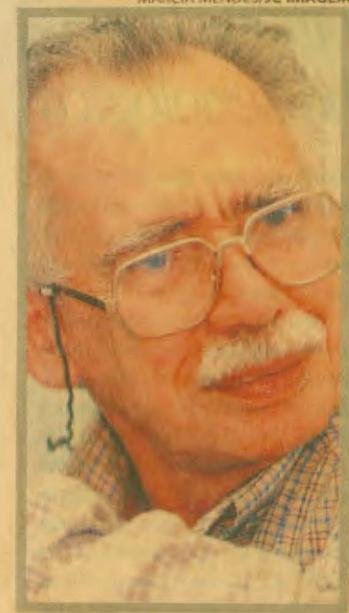
ALBUQUERQUE A existência da muralha de pedra é uma realidade concreta

cidem, em vários trechos, com a planta do Recife de 1648, do cartógrafo Cornelis Golijath. "Não nego a existência da paliçada, mas houve uma muralha de pedra. Isso é uma realidade concreta. Se a muralha foi registrada pela cartografia ou não, é outra história", declara.

O prefeito do Recife, João Paulo, a secretária-adjunta de Planejamento da cidade, Luciana Azevedo, e técnicos municipais visitam hoje as es-

cavações arqueológicas no Recife Antigo, a partir das 8h.

O grupo se reunirá no Escritório de Revitalização do Bairro do Recife, antes da visita. Segundo Luciana Azevedo, os achados arqueológicos mais significativos deverão fazer parte de um roteiro turístico no Recife Antigo. Ela disse que a forma como essa visita será efetivada, na prática, ainda está sendo estudada por técnicos da prefeitura.



JOSÉ LUIZ Cercas eram de madeira

MÁRCIA MENDES/JC IMAGEM

JC IMAGEM